

# O GRUPO FOCAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Bárbara Martins Zaganelli\*  
Moises Andre Nisenbaum\*\*  
Karla dos Santos Guterres Alves\*\*\*  
Sarah Barreto Marques\*\*\*\*  
Gilda Olinto\*\*\*\*\*

**RESUMO:** Este artigo traça os contornos do grupo focal enquanto técnica de coleta na Ciência da Informação, no cenário internacional e nacional. Para isso, realizaram-se pesquisas bibliográficas, sendo que os principais aportes teóricos foram Beck e Manuel (2008) e Chiara (2005), e levantamentos de dados na base *Scopus*. Apesar do grupo focal ser uma técnica relativamente recente na área, seu uso ganha cada vez mais espaço em pesquisas que precisam captar a sinergia entre discussões de grupos sobre um tema ou assunto. Nos últimos 50 anos, o *Scopus* registou mais de 40 mil publicações com o uso parcial ou total do grupo focal. Só no Brasil, foram mais de 500 publicações. Além disso, este trabalho aponta que o Brasil está em sétima posição no *ranking* dos países que mais publicaram artigos com o “*focus group*” em Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação. Metodologia Científica. Grupo Focal.

\* Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: barbarazaganelli@hotmail.com.

\*\* Doutorando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: moises.nisenbaum@ifrrj.edu.br.

\*\*\* Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: karlaguterres@gmail.com.

\*\*\*\* Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: sarahbmarques@gmail.com.

\*\*\*\*\* Pesquisadora Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - convênio MCT/IBICT da Universidade Federal do Rio de Janeiro – e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT/UFRRJ. E-mail: gilda@ibict.br.

## I INTRODUÇÃO

Um dos métodos qualitativos que se destacam em estudos de relações sociais é o grupo focal ou entrevistas de grupo focal. Mais do que a soma das partes de um grupo reunido, o grupo focal tem uma entidade em si mesma e carrega uma característica muito peculiar em relação aos outros métodos: capta a sinergia e a interação do grupo em relação ao tema ou assunto.

Para se ter uma ideia da popularidade e da vasta possibilidade de aplicabilidade, nos últimos 50 anos, o *Scopus* registou mais de 40 mil publicações com o uso parcial ou total do grupo focal. Só no Brasil, foram mais de 500 publicações.

No mundo, entre as áreas que mais utilizaram o grupo focal foram Medicina (20 mil publicações), Ciências Sociais (13 mil), Enfermagem (7 mil) e Biologia (3,5 mil). Na Ciência da Informação, o uso é recente (CHIARA, 2005). O primeiro registro<sup>1</sup> em Ciência da Informação e Biblioteconomia foi na década de 80, por Kaske e Sanders, para indicar as características de um sistema de recuperação automatizado necessárias para suportar o comportamento de busca de usuários em bibliotecas (DRABENTSTOTT, 1992).

<sup>1</sup> Drabentstott (1992) não descarta a possibilidade de outros pesquisadores em Ciência da Informação terem utilizado o grupo focal antes de Kaske e Sanders, mas aponta que não houve registro.

Instigados por essas considerações iniciais<sup>2</sup>, um grupo de alunos do doutorado e mestrado do curso de pós-graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em parceria com Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) realizou esta pesquisa que traça os contornos do grupo focal enquanto técnica de coleta, na Ciência da Informação, no cenário internacional e nacional.

Para este trabalho, realizaram-se pesquisas bibliográficas e levantamentos de dados exclusivamente na base *Scopus*, que tem baixa inclusão de títulos brasileiros e de outros países em desenvolvimento. Os principais aportes teóricos foram Beck e Manuel (2008) e Chiara (2005). Este estudo, que traz informações acerca desse método na Ciência da Informação, está dividido em seis momentos.

O primeiro faz um breve histórico do uso do grupo focal em pesquisas qualitativas. O segundo localiza o grupo focal na Ciência da Informação. O terceiro aponta as características, conceitos, vantagens e limitações do método. O quarto expõe o uso do grupo focal nas três fases: planejamento, condução e análise de dados. O quinto traz os resultados e discussões. E, por fim, o sexto, aponta algumas considerações finais.

## 2 BREVE HISTÓRICO DO GRUPO FOCAL

A primeira pesquisa com grupo focal ocorreu em 1926, no campo da sociologia (MILLWARD, 1995). A ideia foi de Emory S. Bogardus que, inclusive, fundou em 1915 um dos primeiros departamentos de sociologia da Universidade do Sul da Califórnia. Em linhas gerais, o pesquisador utilizou o grupo focal com estudantes. A sistematização da técnica ocorreu mais tarde, em 1946, com Merton e Kendall. Galego (2014) diz que Merton achava que as respostas fechadas poderiam não ser exatas por induzirem às respostas involuntárias por descuido, influência ou omissão, limitando com isso o entrevistado.

A convite de Paul Lazarsfeld, Merton o ajudou em um projeto de pesquisa com grupos

de soldados norte-americanos para saber como estavam reagindo aos filmes de propaganda dos Estados Unidos. Ao observarem algumas entrevistas, ficou surpreso pela falta de técnica. Por isso, Merton resolveu aceitar ao convite de Lazarsfeld para liderar o projeto na década de 1940.

Em 1941, Merton realizou uma pesquisa com grupo focal no *Office of Radio Research at Columbia University*. Após um estudo que reunia os ouvintes da emissora, e eram disponibilizados botões com cores diversas para que pressionassem quando gostassem ou não de um programa, Merton convocou os ouvintes novamente. Dessa vez, perguntou sobre os motivos reais das respostas, pedindo detalhes positivos ou negativos da escolha. Merton percebeu que estava superando as restrições em relação às repostas fechadas e, em 1956, lançou o livro *The Focused Interview*, com Fisk e Kendall, servindo de base para os estudos com grupo focal (BECK ; MANUEL, 2008).

Beck e Manuel (2008) e Chiara (2005) destacam que apesar da origem ser na sociologia, precisamente com Merton e Lazarsfeld, o uso da técnica começou a ser utilizado a partir da II Guerra Mundial (1939 a 1945). O grupo focal foi utilizado em pesquisas de mercado devido ao paradigma vigente que era positivista e valorizava a racionalidade do indivíduo (COSTA, 2011). Por meio da psicologia social, utilizou-se o grupo focal para testar as reações às propagandas e a transmissões de rádio na guerra. Além de estratégias em pesquisas de forças armadas e marketing, o grupo focal era utilizado no controle da produtividade de trabalhadores (GONDIM, 2003).

Segundo Godim (2003), as novas abordagens em relação ao uso do grupo focal começaram na década de 80, quando passou a ser usado na compreensão sobre as atitudes de doentes, no uso de contraceptivos e na avaliação da mídia. Na contemporaneidade, essa técnica qualitativa tem sido cada vez mais difundida em diversas áreas, como a Medicina, Ciências Sociais, Enfermagem, Biologia e Ciência da Informação.

## 3 O GRUPO FOCAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

No Brasil, Chiara (2005) diz que a utilização do grupo focal na Ciência da Informação é relativamente recente. A primeira

<sup>2</sup> Esta atividade foi sugerida pelas professoras Programa de Pós-Graduação do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dr<sup>a</sup> Gilda Olinto e Dr<sup>a</sup> Jacqueline Leta, na aula de Metodologia Científica, a quem devemos um agradecimento especial.

pesquisa na área, que se tem registro, é de Kaske e Sanders em 1980 (DIAS, 2000). O estudo tinha como foco principal determinar as características necessárias de um sistema automatizado de recuperação para suportar os comportamentos de busca dos usuários de biblioteca.

Foram realizadas mais de vinte sessões de grupo focal com usuários de bibliotecas públicas, universitárias e especializadas. A pesquisa também utilizou outras técnicas qualitativas para a coleta de dados. Dois anos depois, Kaske utilizou novamente a técnica do grupo focal como complemento para outro trabalho sobre catálogos *online* nos Estados Unidos.

A partir daí, outros cientistas da informação utilizaram o grupo focal para complementar ou confirmar resultados obtidos por meio de outras abordagens, como identificar mudanças no comportamento dos usuários e, principalmente, determinar o grau de satisfação dos usuários em relação às unidades e sistemas de informação (DIAS, 2000).

#### 4 CARACTERÍSTICAS, CONCEITOS, VANTAGENS E LIMITAÇÕES DO GRUPO FOCAL

A abordagem do grupo focal é qualitativa e tem como instrumento de coleta o roteiro de discussão. De modo geral, reúne-se um grupo relativamente pequeno de pessoas, geralmente de seis a doze pessoas (MINAYO, 2012), que representam um setor da sociedade ou comunidade. As principais funções do grupo focal são descobrir: (1) os aspectos significativos da situação total em que as respostas ocorreram; (2) as discrepâncias entre os efeitos esperados e os reais; (3) as respostas desviantes dos subgrupos na população; e (4) os processos envolvidos em efeitos induzidos experimentalmente (MERTON E KENDALL, 1948).

Para isso, cria-se em um ambiente uma situação informal no qual os tópicos são discutidos pelos participantes de forma livre e espontânea (FRASER; RESTREPO-ESTRADA *apud* CHIARA, 2005). É importante destacar que no grupo focal, essa ideia central de interação entre os interlocutores remete à noção de uma identidade compartilhada. Isto é, de um destino comum presente quando dizemos “nós” (BAUER; GASKELL, 2004).

Por isso, Costa (2011) alerta para o cuidado que o pesquisador precisa ter em relação à captação dessa interação. As entrevistas não devem estar focadas na análise do conteúdo individual e, sim, nas características da interação. Duarte (2007) ressalta que, diferente da entrevista em grupo, o grupo focal não é apenas uma sequência de perguntas e respostas, mas envolve interação para produzir *insights* entre os participantes, discussão e até mesmo reelaboração de ponto de vista.

Beck e Manuel (2008) apontam que os grupos focais não são úteis para construir consensos, testar conhecimentos ou habilidades, fazer inferências estatísticas ou lidar com casos confidenciais. O importante é a sinergia entre as pessoas (CHIARA, 2005). Quanto mais ideias surgirem, melhor. O objetivo é fazer com que os participantes discutam os tópicos e falem livremente sobre suas opiniões, comportamentos ou crenças em relação a um serviço, produto ou assunto, numa situação informal na qual os mesmos não se sintam pressionados.

Por esta razão, o grupo focal pode ser utilizado como passo inicial para o desenvolvimento de um questionário ou para elucidar questões mais profundas (CHASE; ALVAREZ, 2000). Duarte (2007) diz que o grupo focal enquanto abordagem qualitativa de coleta de dados a também pode ser usada em conjunto com técnicas quantitativas. Isso pode ocorrer: (a) antes da aplicação da técnica quantitativa para familiarização de vocabulário e ideias sobre público-alvo; (b) em aplicação conjunta com outras técnicas de pesquisa (triangulação); (c) complementação de outras técnicas para uma mesma questão de pesquisa.

Outro ponto importante destacado por este artigo é sobre o local para a realização do grupo focal. Esse tipo de coleta não precisa ser presencial. O grupo focal *online*, também denominado *cyber focus group*, grupo focal virtual ou grupo focal eletrônico (PARKER, 1998; SOLOMON, 1996; TODD, 1999 *apud* CHASE; ALVAREZ, 2000), vem ganhando espaço no mercado, inclusive, devido à redução de custos, fácil implementação e coleta rápida de dados (CHASE; ALVAREZ, 2000).

Dependendo do tipo de pesquisa, o grupo focal *online* pode ser até mais interessante para o estudo, já que pode lidar com questões que, de forma presencial, seriam mais difíceis.

Chase e Alvarez (2000) citam como exemplo uma discussão sobre a necessidade de informação por pessoas com várias doenças. Por se sentirem anônimas, elas podem conversar mais livremente sobre questões delicadas. Por outro lado, os pesquisadores também podem se beneficiar dessa técnica como, por exemplo, em relação ao estudo de usuários de bibliotecas virtuais, obtendo *feedbacks* desses usuários. Um exemplo é a eficácia de uma referência virtual ou avaliando um novo site de uma biblioteca (CHASE; ALVAREZ, 2000).

Duarte (2007) chama a atenção para o fato que a condução do grupo focal presencial e *online* serem parecidas, mas não idênticas. A efetiva condução e moderação da discussão em grupo virtual requerem do pesquisador habilidades diferentes daquelas necessárias à condução no grupo presencial. É necessário que o moderador e os participantes estejam familiarizados com a tecnologia, principalmente, em relação à plataforma a ser utilizada, as características e ferramentas. Caso opte por grupos com interação escrita em tempo real, e não oral e visual, é preciso ainda que o moderador apresente rapidez na digitação e esteja preparado para receber múltiplas e simultâneas colocações dos participantes.

É interessante perceber ainda as diferenças entre o grupo focal presencial e *online* para ponderar as vantagens e limitações das técnicas. Chase e Alvarez (2000) analisam que, no grupo focal presencial, o moderador deve ter habilidade de um entrevistador enquanto que no grupo *online* o moderador deve ter habilidade em comunicação *online*. Além disso, no *online* exige experiência em tecnologia. Como no grupo presencial os participantes são recrutados por telefone, carta ou pesquisa e, no *online* são utilizados e-mail e pesquisa virtual, fica claro que o grupo presencial pode ser universal enquanto o *online* exclui uma parcela daqueles que não têm conhecimento em informática.

Outra questão na relação entre o presencial e o *online* é que no grupo focal *online* não há limitações geográficas. Já no grupo presencial, os custos tendem a ser mais altos devido aos deslocamentos dos participantes. É preciso considerar ainda que o presencial requer software, equipamento de gravação e os dados não ficam imediatamente disponíveis, pois requerem um transcritor. O grupo focal *online*

requer *software* e *hardware* para teleconferência, mas em contrapartida os dados ficam imediatamente disponíveis.

Chiara (2005) também faz uma análise comparada nas modalidades de pesquisa presencial e *online* e cita que, entre as vantagens, estão: (a) a maneira efetiva e relativamente fácil de obter dados a um baixo custo; (b) oportunidade para que os indivíduos possam formar opinião sobre o tema estudado por meio da interação com outras pessoas; (c) a espontaneidade das discussões; (d) a sinergia entre os participantes, o que oferece aos pesquisadores detalhes que não seriam facilmente obtidos por meio de outras técnicas; (e) permite avaliação tanto de serviços já implantados quanto o planejamento de novos serviços e (f) possibilidade de planejamento de novas pesquisas.

Em relação às limitações da técnica, Beck e Manuel (2008) e Chiara (2005) concordam que o grupo focal possui limitações como: (a) o fato dos participantes poderem fornecer informações falsas; (b) desviarem do tópico em discussão; (c) serem influenciados pela pressão de outros participantes e (d) buscar consenso mais que explorar ideias; (e) ocorrer o domínio da palavra por um participante e (f) haver participantes mais reservados ao exporem suas ideias.

No caso especificamente *online*, Chase e Alvarez (2000) apontam ainda: (g) o desafio de se manter o foco dos participantes devido à velocidade da conversação e da natureza não linear da discussão; (h) a ausência da observação da linguagem não verbal; (i) ambiguidade das informações e (j) pelos pesquisadores considerarem que a dinâmica de grupo é afetada negativamente no ambiente *online*, os cientistas sociais existe uma resistência no uso da técnica.

## 5 PLANEJAMENTO, CONDUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS DO GRUPO FOCAL

Para Chiara (2005), o grupo focal pode ser dividido em três fases: planejamento, condução do grupo focal e análise dos dados. No planejamento são formuladas questões-chave de orientação à condução do grupo. A recomendação de Krueger (1994) *apud* Chiara (2005) é formular questões como:

- a. Por que o estudo?
- b. Que informações deverão ser obtidas?
- c. Para quem elas serão úteis?
- d. Como localizar os participantes?
- e. Quais as categorias de participantes?

No planejamento devem ser definidos os objetivos, local, cronograma e gastos financeiros. Outro ponto a ser pensado é em relação à quantidade de grupos focais a serem realizados e o número de participantes em cada um. A quantidade de grupos depende do objeto de estudo, assim como os seus objetivos. Alguns autores (LEITÃO, 2003; CHIARA 2005; CARLINI-COTRIM, 1996) corroboram que, em geral, há uma preferência por quatro grupos.

Em relação ao número de participantes por grupo, existe uma divergência entre os autores (FRASER; RESTREPO-ESTRADA, 1988 *apud* Chiara, 2005; RUDASILL, 1999; WIDDOWS; HENSLER; WYNCOTT 1991). No geral, esse número varia entre seis e doze pessoas. Manuel e Beck (2008) dizem que o número de participantes, a escolha, a homogeneidade e a quantidade de grupos que serão formados dependem do objetivo do pesquisador.

Para Chiara (2005), não é recomendado um grupo formado por mais de 12 pessoas, pois não há tempo hábil para que todos possam expor as ideias de forma não superficial. A autora destaca ainda que devem ser recrutados mais participantes do que o necessário para o caso de alguém não compareça na hora marcada. Pode-se oferecer como incentivo aos participantes brindes, lanche ou até mesmo pagamento.

A seleção das pessoas que vão participar do grupo varia de acordo com o tema de pesquisa. Pode ser feita aleatoriamente por meio de anúncio, telefonema ou por indicação de pessoas da comunidade. Os participantes devem formar um grupo, até certo ponto homogêneo, já que deve permitir o contraste e a diversidade de opiniões (RUDASILL 1999 *apud* CHIARA 2005).

Após o planejamento, o próximo passo é o cuidado em relação à condução do grupo focal. Chiara (2005) diz que cada grupo deve ser conduzido por um moderador auxiliado por um ou dois observadores. O moderador tem papel fundamental no processo. Devem-se conhecer bem os objetivos da pesquisa, ter

flexibilidade e experiência com dinâmica de grupo. Chase e Alvarez (2000) acrescentam as características do perfil do moderador, a empatia, a habilidade de comunicação e de direcionamento e intermediação, em vez de controlar a discussão.

Beck e Manuel (2008) dizem que o moderador conduz os participantes numa discussão utilizando um roteiro de questões para tópicos específicos e pré-determinados. O moderador faz a intermediação da discussão, cuidando para que o assunto não seja desviado e para que o fluxo se mantenha conforme o esperado.

Esta condução pode se dar de diferentes maneiras: o direcionamento formal e bem definido da discussão; o direcionamento da discussão que prevê a inclusão de novas perguntas para o aprofundamento dos tópicos; ou uma forma de atuação mais forte que é a direção das dinâmicas de interação (BECK; MANUEL, 2008; FLICK 2004 *apud* CHIARA 2005). O moderador deve garantir que todos os presentes participem e que ninguém mantenha o monopólio da palavra.

No grupo focal, o moderador deve tomar cuidado para sentar em um lugar estratégico para ver todos os participantes do grupo. Por isso, a ideia de círculo é interessante. O observador se posiciona fora do círculo formado pelos participantes e registram o conteúdo das discussões (linguagem verbal e não verbal) sem interferir no processo.

Costa (2014) diz que, se a sessão de grupo focal for gravada com áudio e vídeo, não há necessidade de registro dos dados de comunicação não verbal durante a sessão do grupo. O pesquisador precisará utilizar-se apenas de aparato tecnológico para a análise das gravações.

Neste caso, necessitando da ajuda de *softwares* específicos para a análise de dados. Mas caso não haja a gravação, o observador desempenha um papel ainda mais relevante. Deve anotar as expressões corporais, como o desconforto diante às determinadas perguntas ou posicionamentos.

Beck e Manuel (2008) resumem os passos para o início da sessão de grupo focal: boas-vindas e apresentações, visão geral da sessão, apresentação das regras gerais e primeira questão. Em relação aos tópicos para discussão,

Chiara (2005) destaca que o observador deve elaborá-los com base nos objetivos da pesquisa.

Esse roteiro pode ajudar o moderador a facilitar as discussões. Além disso, os itens do roteiro não devem ser formulados como questões. Beck e Manuel (2008) ressaltam que as perguntas devem ser abertas e reflexivas para que proporcionem a interação entre o grupo e seja passível de modificações durante a entrevista do grupo focal.

Na análise dos dados obtidos, Oliveira e Freitas (1998) *apud* Chiara (2005) recomendam que se considerem as palavras e seus significados; o contexto em que foram apresentadas as ideias, a consistência interna, a frequência e extensão das colocações e, por fim, as especificidades das respostas. O grupo focal requer uma análise qualitativa na qual a organização dos dados coletados aponte como os grupos percebem o objeto de estudo. Chiara (2005) cita ainda que existem dois procedimentos básicos para analisar os resultados obtidos: o resumo etnográfico e a análise de conteúdo. Para este trabalho, outra possibilidade é por meio de análise de discurso.

A comunicação não verbal pode ser analisada de quatro maneiras diferentes, conforme Gorden (1980) *apud* Costa (2011): proxêmica (uso de espaço para comunicar atitudes interpessoais); cronêmica (o uso de estimulação da fala e da duração do silêncio na conversação); paralinguístico (todas as variações de volume, tom e qualidade de voz que acompanham o discurso, como também, o silêncio); cinésica (movimentos corporais ou posturas).

Outra maneira interessante para analisar a comunicação não verbal é o modelo neurocultural de expressão facial. Conforme Ekman (1972) *apud* Costa (2011), nesse modelo há pelo menos seis emoções básicas vinculadas às expressões faciais (alegria, tristeza, raiva, medo, nojo e surpresa) que podem ser modificadas por meio da aprendizagem de “regras de exibição”. As regras são normas sociais ou culturais que guiam a expressão das emoções em vários contextos.

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo fez pesquisas bibliográficas e levantamento de dados para a análise do grupo focal

na Ciência da Informação. A base para a coleta de dados foi exclusivamente o *Scopus*.<sup>3</sup> e ocorreu em 02 de junho de 2014. É importante destacar que o acesso, apesar de restrito aos assinantes, foi possível pelo Portal Periódicos Capes<sup>4</sup>.

Segundo o site oficial do *Scopus*, a base é atualmente o maior banco de dados de resumos e citações de literatura científica do mundo, apesar da baixa inclusão de títulos brasileiros e de outros países em desenvolvimento. São mais de 53 milhões de registros de produções científicas; 21 mil títulos, como de livros e periódicos; e cinco mil editoras que participam da base.

Este artigo escolheu a base *Scopus* para mensurar a frequência da expressão “*Focus Group*” que aparece nos títulos, resumos e palavras-chave de artigos. O levantamento de dados na base ocorreu em duas etapas.

A primeira foi a escolha de seis periódicos científicos da área de Ciência da Informação. São eles: *Information Research*, *Library Trends*, *Information Processing and Management*, *Transinformação*, *Perspectivas em Ciência da Informação* e *Informação e Sociedade*. O período das publicações analisado ocorreu entre 2006 e 2013.

A segunda etapa foi a ampliação de seis para 39 periódicos, com o intuito de aumentar o tamanho da amostra. É importante destacar que esta pesquisa chegou à essa quantidade (39) selecionando aqueles que contêm em seu título a palavra “*information*” ou “*informação*” dentro da área *Social Sciences: Library and Information Sciences*.

Após essa coleta de dados, o número de periódicos contendo a expressão “*Focus Group*” foi comparado ao total de trabalhos publicados nas revistas. Além disso, a evolução anual das publicações foi medida e inserida neste trabalho.

Esta pesquisa usou comandos de busca avançada do *Scopus* cujas sintaxes são descritas no Quadro 1:

3 Disponível em: < <http://www.scopus.com>>. Acesso em: 30 maio 2014.

4 Disponível em: < <http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 30 maio 2014.

**Quadro 1:** Comandos de busca avançada do *Scopus*.

| Comando                                       | Descrição  |
|---|--|
| TITLE-ABS-KEY("focus group")                  | Busca por itens que possuem a expressão "focus group" no título, resumo ou palavras chave. |
| SRCTITLE("XXX XX")                            | Busca em periódicos que contenham a expressão "XXX XX" no seu título                       |
| PUBYEAR > 2005 AND PUBYEAR < 2014             | Limita as buscas ao período de publicação de 2006 a 2013                                   |
| LIMIT-TO (SUBJAREA, "SOC")                    | Limitar-se à área de ciências sociais.   |
| EXCLUDE(EXACTSRCTITLE, "Título do Periódico") | Excluir um determinado periódico.  |
| DOCTYPE(ar)                                   | Tipo de documento = artigo.  |
| AND   | Conector "e" lógico  |
| OR  | Conector "ou" lógico   |

Fonte: Acervo do autor (2014).

Conforme apontado no quadro acima, a maioria dos comandos tem uma palavra seguida de um argumento, nome técnico, sobre o qual é aplicada a ação. Por exemplo, o comando "TITLE-ABS-KEY("focus group")" busca por itens que tenham a expressão "focus group" no título, resumo ou palavras-chave. Os comandos de busca avançada Scopus utilizados neste trabalho estão listados no Anexo 1.

Esta pesquisa fez uma mensuração da quantidade de artigos contendo no título, assunto ou palavra-chave a expressão "focus group". Essa variável foi chamada por este trabalho de **N1**. Outra variável medida foi o número total de artigos em cada periódico, chamada de **N2**. Em seguida, foi calculado o percentual de artigos que contém a expressão "focus group" por meio da expressão  $N1/N2 \times 100\%$ , conforme explicado mais a frente (**tópico 7**).

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na segunda etapa do levantamento de dados, os seis periódicos apresentaram o seguinte resultado conforme está no Quadro 2:

**Quadro 2:** Resultados das buscas na base *Scopus*.

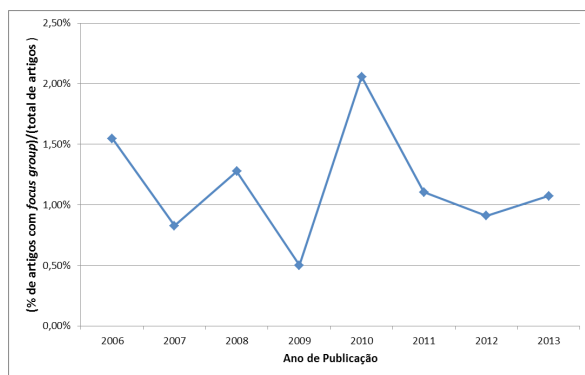
| Periódico  | N1        | N2          | N1/N2 x 100% |
|--|-----------|-------------|--------------|
| <i>Information Research</i>                                  | 12        | 383         | 3,1 %        |
| <i>Library Trends</i>  | 9         | 380         | 2,4 %        |
| <i>Information Processing and Management Transinformação</i> | 1         | 915         | 0,11 %       |
| Perspectivas em Ciência da Informação                        | 2         | 289         | 0,70 %       |
| Informação e Sociedade                                       | 1         | 133         | 0,75 %       |
| <b>Totais</b>  | <b>25</b> | <b>2179</b> | <b>1,15%</b> |

Fonte: Acervo do autor (2014).

O quadro acima mostra a relação entre o N1 (a quantidade de artigos contendo no título, assunto ou palavra-chave com a expressão “focus group”) e N2 (número total de artigos em cada periódico) para, em seguida, comparar o N1 ao N2. Observa-se que uso do grupo focal nos periódicos de 2006 à 2013, em Ciência da Informação, está presente mais em publicações estrangeiras que em brasileiras. Além disso, nota-se que, em média, 1,15 % da produtividade fez uso dessa técnica qualitativa.

A fim de identificar a evolução por ano dos seis artigos em análise, este trabalhou elaborou o seguinte Gráfico 1:

**Gráfico 1:** Análise dos 25 artigos com “Focus Group” em Ciência da Informação.



Fonte: Acervo do autor (2014).

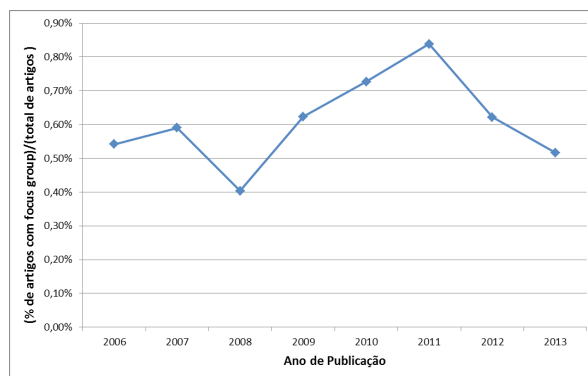
Cada ponto do gráfico representa a relação N1/N2, em todos os periódicos, por ano, de 2006 a 2013. De uma maneira geral, houve uma flutuação de valores, entre 2006 e 2011. A partir de 2011, ocorreu uma estabilização na produção de artigos com grupo focal, ficando em torno de 1% do total.

Apesar dos resultados apresentados, este trabalho entende que a amostra de 25 artigos é insuficiente para conclusões mais precisas e contundentes. Por esse motivo, aumentou-se o tamanho da amostra para visualizar com mais nitidez o impacto do uso do grupo focal em periódicos nacionais e internacionais.

Na terceira etapa da coleta de dados, aprofundou-se a busca para todos os periódicos da base *Scopus* que tinham no título a palavra “information” ou “informação”. Além disso, os resultados foram limitados à área *Social Sciences: Library and Information Sciences*.

Assim, do total de artigos nos seis periódicos (2.179 artigos) em Ciência da Informação, 25 artigos tiveram “focus groups”. Nesta terceira etapa, do total de artigos nos 37 periódicos (22.013 artigos) em Ciência da Informação, 137 artigos tiveram “focus groups”. Também foi feita uma análise, por ano, nos 137 artigos, conforme está no **Gráfico 2:**

**Gráfico 2:** Análise dos 137 artigos com “Focus Group” em Ciência da Informação.



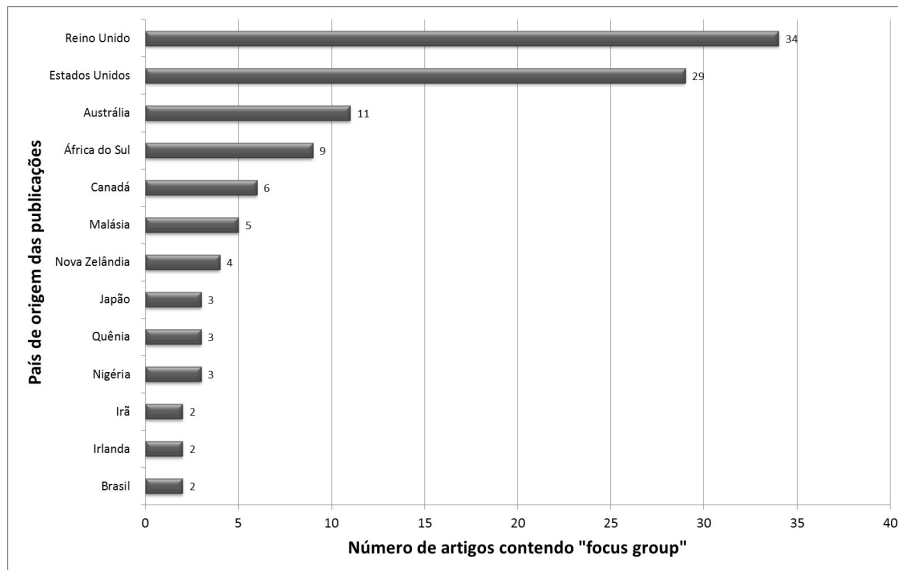
Fonte: Acervo do autor (2014).

No **Gráfico 2**, a partir de 2008, houve uma elevação da produtividade e, em seguida, um decréscimo a partir de 2011. Para esta pesquisa, se a curva continuar decrescente indicará que o método está sendo abandonado em pesquisas na área da Ciência da Informação.

Nos 137 artigos com “focus group”, identificou-se a seguinte distribuição por países de origem das pesquisas. Os 10 países que mais publicaram com essa técnica qualitativa estão no **Gráfico 3:**



Gráfico 3: Os 10 países que mais publicaram com o “focus group” em Ciência da Informação.



Fonte: Scopus (2014).

Pelo gráfico, o Brasil ocupa a décima terceira posição (dois artigos) em produção de artigos com uso de grupos focais em Ciência da Informação. Os primeiros lugares foram Reino Unido (34 artigos), Estados Unidos (29), Austrália (11).

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tentou traçar os contornos do grupo focal enquanto técnica de coleta, na Ciência da Informação, no cenário internacional e nacional. Para isso, utilizou-se como coleta de dados a base *Scopus*. Apesar das limitações inerentes a essa decisão metodológica, devido à baixa inclusão de títulos brasileiros e de outros países em desenvolvimento, optou-se pelo *Scopus* por ser atualmente o maior banco de dados de resumos e citações de literatura científica do mundo. Longe de ter um caráter generalista e conclusivo, apontam-se algumas considerações finais.

Embora o grupo focal seja uma técnica relativamente recente na área, seu uso ganha cada vez mais espaço em pesquisas que precisam captar a sinergia entre discussões de grupos sobre um tema ou assunto. Se bem planejada,

conduzida e analisada pode gerar resultados bastante satisfatórios em pesquisas que envolvem a interação para a produção de ideias entre os participantes, discussão e até reelaboração do ponto de vista.

Além disso, a técnica de grupo focal pode ser combinada às outras técnicas, tanto qualitativas quanto quantitativas, oferecendo um campo vasto de possibilidades. Como todo método, têm vantagens e desvantagens que devem ser muito bem avaliadas pelo pesquisador, antes da aplicação e execução.

No levantamento de dados, identificou-se que nos estudos com grupo focal em Ciência da Informação, as publicações estrangeiras foram maiores que as brasileiras. Para este trabalho, a colocação do Brasil (7º lugar) no cenário internacional em relação às pesquisas com grupo focal em Ciência da Informação, conduziu a seguinte reflexão: Quais os fatores influenciaram a colocação do Brasil em 7º lugar no ranking dos 10 países que mais publicaram com o “focus group” em Ciência da Informação? Como a característica da ciência é gerar novas perguntas, e não necessariamente respostas, este trabalho encerra com essa questão para que sirva de mola propulsora para pesquisas futuras.

Artigo recebido em 16/06/2015 e aceito para publicação em 06/12/2015

## THE FOCUS GROUP IN INFORMATION SCIENCE

**ABSTRACT:** *This paper addresses the focus group as a collection technique for Information Science in the international and national scenario. Literature searches were conducted, for which main theoretical sources were Beck and Manuel (2008), Chiara (2005) and a data gathering from the Scopus database. Despite the focus group is a recent technique in this area, its use has been growing largely for researches that need to obtain the synergy of group discussions about some topic or subject. Over the past 50 years, Scopus registered more than 40 thousand publications using focus group partially or completely. Brazil had more than 500 publications. This paper points out that Brazil is the seventh located in the ranking of countries that have published Information science papers with “focus group”.*

**Keywords:** *Information Science. Scientific Methodology. Focus Group.*

## REFERÊNCIAS

BAURES, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 3ª Edição. Editora Vozes. Petrópolis, 2004.

BECK, S; MANUEL, R. **Interviews and Focus Groups.** In: *Practical Research Methods for Librarian and Information Professional.* News York. Neal. Scvhuman, 2008.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Revista de Saúde Pública**, v. 30, n. 3, p. 285-293, 1996.

CHASE, L.; ALVAREZ, J. Internet research: The role of the focus group. **Library & Information Science Research**, v. 22, n. 4, p. 357-369, 2000.

CHIARA, I.G.D. **Grupo de Foco.** Org. Valentim, Marta Lígia Pomim. In: *Métodos Qualitativos de Pesquisa em Ciência da Informação.* São Paulo: Polis, 2005

COMBES, B.; HANISCH, J.; CARROLL, M.; HUGHES, H. **Student voices:** Re-conceptualising and re-positioning Australian library and information; science education for the twenty-first century. *International Information and Library Review.* 2011.

COSTA, G. S. Grupos focais: um novo olhar sobre o processo de análise das interações verbais. **Revista Intercâmbio, PUC São Paulo: LAEL**,

v. V. XXV, p. 153 - 172, 26 jan. 2011. Disponível em: <[http://www.giseldacosta.com.br/Grupos\\_Focais.pdf](http://www.giseldacosta.com.br/Grupos_Focais.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2014.

DUARTE, A. B. S. D. Grupo Focal Online e Offline como Técnica de Coleta de Dados. **Informação & Sociedade: Estudos**, v.17, n.1, p.75-85, jan./abr., 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/487/1467>>. Acesso em: 9 maio de 2014.

GALEGO, C.; GOMES, A. G. Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. **Revista Lusófona de Educação**, v. 5, 2005. Disponível em: <<http://www.institutpaulofreire.org/downs/04.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2014.

GLITZ, B.; HAMASU, C.; SANDSTROM, H. **The focus group:** a tool for programme planning, assessment and decision-making - an american view, National Network of Libraries of Medicine/Pacific Southwest Region (NN/LM PSR), Universidade da Califórnia, Los Angeles: USA, 2000. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1046/j.1365-2532.2001.00310.x/full>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

LEITÃO, B. J. M. **Grupos de foco:** o uso da metodologia de avaliação qualitativa como suporte complementar à avaliação quantitativa

realizada pelo Sistema de Bibliotecas da USP. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. 2003.

MERTON, R. K.; KENDALL, P. L. The Focused Interview. **American Journal of Sociology**, v. 51, n. 6, p. 541-557. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2770681>>. Acesso em: 01 Jun. 2014.

MILLWARD, L.J. **Focus Groups**. In: Research methods In: BREAKWELL G. M. , SMITH, J. A. , WRIGHT. Psychology., D. B. 4th Edition. Los Angeles: SAGE, 1995.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta.

In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. LESLANDES, S.F; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (org.). 31 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SMITH, M.; HEPWORTH, M. An investigation of factors that may demotivate secondary school students undertaking project work Implications for learning information literacy. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 39, n. 1, p. 3-15, 2007.

WIDDOWS, R.; HENSLER, T. A.; WYNCOTT, M. H. The focus group interview: a method for assessing users' evaluation of library service. **College and Research Libraries**, v. 52, n. 4, p. 352-359, 1991.